

“PARA DE TER VERGONHA DE TI E ACEITA O CABELO QUE TU TEM”: PERFORMANCES NARRATIVAS DE RAÇA E GÊNERO NA AMAZÔNIA MARAJOARA

“PARA DE TER VERGONHA DE TI E ACEITA O CABELO QUE TU TEM”: NARRATIVE PERFORMANCES OF RACE AND GENDER IN THE AMAZON MARAJOARA REGION

José Sena¹

Valéria Cristina Dias Silva²

Dayana Cristina Leal Sousa³

RESUMO: Orientada pela perspectiva performativa da linguagem, a presente pesquisa realiza um debate sobre racismos e processos de agência e resistência empreendidos por uma jovem mulher negra marajoara, tendo como aspecto central seu cabelo afro. Apostando em uma abordagem etnográfica e indexical dos fenômenos raciais-discursivos em foco, o texto analisa as performances narrativas da sujeita focal com base no qual mobiliza reflexões sobre processos macrosociais envolvidos na construção do racismo estrutural brasileiro e amazônida que incide e gera efeitos perlocucionários sobre os corpos-subjetividades de pessoas negras.

Palavras-chave: Raça; gênero; Amazônia; performance; linguagem.

ABSTRACT: Oriented by the performative perspective of language, the present research undertakes the debate on racisms and processes of agency and resistance undertaken by a young black woman from Marajoara, having Afro hair as the central aspect. Betting on an ethnographic and indexical approach to the racial-discursive phenomena in focus, the text analyzes the narrative performances of the focal subject, on the basis of which it mobilizes reflections on macrosocial processes involved in the construction of Brazilian and Amazonian structural racism that affects and generates perlocutionary effects on the bodies-subjectivities of black people.

Keywords: Race; gender; amazon; performance; language.

1 Introdução

¹ Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq. Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi - PPGDS/MPEG.

² Graduada em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Especialista em Educação Especial na perspectiva da Inclusão pela ESAMAZ.

³ Graduada em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Fainter.

A pauta racial com foco nos afrodescendentes, indígenas e descendentes indígenas no Brasil tem se tornado alvo crescente de debates, mobilizações e estudos, em diferentes áreas do conhecimento. Podemos considerar que a lei 10.639/03, e sua atualização na lei 11.645/08, dentre outras frentes de ação nas mídias, nas Universidades e nos movimentos sociais, tem sido uma das responsáveis pela ampliação e aprofundamento dessa importante reflexão que faz parte da política de reparação histórica diante das violências sofridas por pessoas afrodescendentes, indígenas e descendentes indígenas diante do racismo estrutural orquestrado pela colonialidade/modernidade e pelo regime de saber-poder-subjetividade imposto pelo branquidade⁴ ocidental (FOUCAULT, [1976]1999; MBEMBE, 2014; SENA, 2021).

Com esse entendimento em vista, articulado a uma agenda antirracista e feminista, a presente pesquisa dá atenção a uma região ainda problematicamente generalizada e invisibilizada pela grande mídia brasileira e pela colonização endógena perpetrada, sobretudo, pelo sudeste do Brasil: o território das diferentes Amazônia⁵. Tomando como ponto de partida a experiência de pessoas negras na cidade de Soure, na Amazônia Marajoara, cidade com uma população majoritariamente negra, o estudo etnográfico investiu atenção nas performances narrativas de uma jovem mulher negra e seu processo agentivo e de resistência, tendo como foco seu cabelo crespo.

O processo de Lara, sujeita focal desta pesquisa, foi ao encontro das experiências raciais de outras sujeitas, incluindo as autoras deste texto, que também passaram por processos racistas até aceitarem suas estéticas afrocapilares. A pesquisa, conforme debateremos, também chama atenção para o protagonismo da linguagem (SENA, 2020a) e da produção de narrativas de resistência na luta antirracista, enfatizando a importância de estudos microsituados e que nos ajudam na reflexão, debate e confrontação de macrodiscursos coloniais e racistas que ainda são estruturantes da sociedade brasileira neste século XXI.

No intento de contribuir com o debate antirracista, o presente artigo se organiza do seguinte modo: primeiramente, apresentamos uma breve reflexão sobre a questão racial em perspectiva decolonial, apontando a construção do atual contexto racista brasileiro; em seguida, posicionamos a perspectiva teórico-metodológica e analítica com que operamos nesta pesquisa: a linguagem como ação ou performance; por fim, analisamos as performances narrativas de uma jovem mulher marajoara sobre seu processo de aceitação e empoderamento racial tendo como foco seu cabelo crespo. O texto conta, ainda, com algumas considerações finais.

2 Problematizando a raça com base em uma visada decolonial

A compreensão de que a raça é um dispositivo radicalizado⁶ na assunção da modernidade/colonialidade orienta o modo como o debate racial é conduzido no presente

⁴ Baseados em Sena (2021), usaremos o termo *branquidade*, ao invés de *bracuidade*, tendo em vista não se tratar de uma relação de oposição a negritude, mas sim, de aproximação a colonialidade. Branquidade é uma categoria do dispositivo racial que, dentro do sistema da colonialidade, buscou produzir pessoas brancas europeias e seus modos de vida como civilizados, verdadeiros e normais, menosprezando tudo o que fosse diferente deles. Com base nesse discurso, legitimou a escravização, exploração e extermínio de povos não-brancos: os negros africanos (MBEMBE, 2014) e os indígenas brasileiros (SANTOS, 2015).

⁵ Autores/as amazônidas tem confrontado a generalização colonizadora e subalternizante que historicamente insiste em apagar a diversidade humana, cultural, política, socioeconômica do vasto território Amazônico (PACHECO, 2016; SENA, 2020b, por exemplo). Nesse sentido, a Amazônia Oriental é constituída pelos estados do Maranhão, Amapá, Tocantins, Mato Grosso e Pará.

⁶ Baseados em Banton (1979), entendemos que a invenção da raça em perspectiva social antecede o período

estudo. Fundamentadas pela *Crítica da Razão Negra* de Acquiles Mbembe (2014) e pelo debate decolonial empreendido por Walter Dignolo (2003; 2017) e Anibal Quijano (1992), identificamos tanto 1) a naturalização e construção do valor universal dos brancos ocidentais como superiores, em diferentes âmbitos da vida social, na produção de conhecimento, na estética, na religião etc. quanto 2) a naturalização e construção dos negros, e outros não brancos, como inferiores e suscetíveis a desumanização.

Para Mbembe (2014), ao debater a inscrição do negro em discurso ao longo dos séculos XVI ao XIX, “um conjunto de dispositivos teológicos, culturais, políticos, econômicos e institucionais foram trabalhados em diferentes partes do mundo para serem naturalizados, aprendidos como um dogma ou um hábito” [...] “a semiotização da segregação racial provém simultaneamente da fé, da doutrina e do direito” (MBEMBE, 2014, p. 86). Aprofundando esse entendimento com base no contexto da América Latina, Quijano explica que

a relação entre a cultura europeia, chamada também de “ocidental”, e as outras segue sendo uma relação de dominação colonial. Não se trata somente de uma subordinação das outras culturas a respeito da cultura europeia em uma relação exterior. Trata-se de uma colonização das outras culturas, mesmo que, sem dúvida, em diferente intensidade e profundidade segundo os casos. Consiste, inicialmente, em uma colonização do imaginário dos dominados (1992, p. 438).

Esse processo histórico instaurado pelo projeto ocidental de mundo criou a lógica racista que impera no Brasil e contamina em domínios capilares os modos como sujeitos afrodescendentes, indígenas, descendentes indígenas e brancos constroem pertencimento e vivem a experiência da raça no país. Um aspecto peculiar do contexto brasileiro e que comparece em diferentes territórios do país é o mito de democracia racial, instaurado desde o fim da escravidão. Esse discurso difundiu a mentira de que brancos, negros e indígenas viviam em pacífica e harmoniosa convivência, quando até os dias de hoje o racismo estrutural ainda violenta gravemente pessoas não-brancas. O início da desconstrução desse discurso só foi ocorrer de modo mais intenso com o fim da ditadura militar no país, e que possibilitou aos movimentos sociais, em especial o movimento negro, reivindicar de modo mais contundente suas pautas e direitos (TELLES, 2003; MELO; MOITA LOPES, 2013; GOMES, 2009).

As práticas de resistência e reflexão diante desse processo político, econômico, sociocultural, estético que constitui a mundo social brasileiro atual, ganha materialidade em experiências sociais microcapilares como as investigadas neste estudo. Argumentamos que esse processo de produção de significados e de dinamização da vida social tem na linguagem o lugar central de articulação e, por isso, uma abordagem e análise linguística situada pode trazer grande contribuição para o debate e crítica da pauta racial.

Neste estudo, o mundo social é entendido como efeito de práticas discursivas em relações de saber-poder-subjetividade específicas (FOUCAULT, [1971]2003; [1976]1999, SENA, 2020a). Essa compreensão, inclusive, chamada atenção para a desigualdade entre sujeitos constituídos em diferentes demandas subjetivas e diferentes marcadores sociais que nos convocam a dialogar com uma visada interseccional.

colonial/escravagista, entretanto, é com a experiência da diáspora africana que a noção de raça é radicalizada com severos efeitos sobre as vidas de pessoas afrodescendentes.

Destacamos que foi Audrei Lord (1984), uma afroamericana lésbica, que colocou em pauta as desigualdades na luta feminista entre mulheres brancas e negras, hetero e homossexuais. Abordada por diferentes feministas negras (DAVIS, 1981; HOOKS, 1981, por exemplo), a perspectiva interseccional debate precisamente os modos complexos de se ocupar um lugar social, de ser sujeito, pois os diferentes marcadores sociais que constituem determinado sujeito são os condicionantes de seus limites e possibilidades para requerer agência na vida social. Nesse sentido, argumentamos que a raça como uma construção social é naturalmente interseccional, pois não se é negro ou indígena ou branco, antes de ser mulher, homem, hetero ou homo, e vice versa (SENA, 2021).

Pautar a interseccionalidade é crucial para confrontarmos reflexivamente as desigualdades implicadas na problemática racial e que tem historicamente colocado mulheres cis e trans negras no último patamar na escala do que se considera humano/a. Essa constatação indexa discursos macro do processo político, econômico e cultural produzido pelo colonialidade/modernidade e que nos interpela ao questionamento e debate dessa realidade social nas nossas vidas locais e situadas. Consideramos que muitos desses entendimentos que circulam em diferentes escalas sociais têm sido inscrito por meio de narrativas que são repetidas continuamente a ponto de cristalizar regimes de verdade cooptando sujeitos de diferentes pertencas raciais e os sujeitando a estrutura racista vigente.

Foi, assim, que no decorrer do estudo etnográfico, as pesquisadoras passaram também por um processo autoreflexivo se reconhecendo em muitas das opressões que Lara e outras sujeitas envolvidas no estudo iam narrando com base em suas experiências. Ao mesmo tempo, um aprofundamento crítico sobre dimensões mais amplas implicadas nesse processo situado iam dando complexidade aos entendimentos em torno do racismo estrutural que interpela nossos corpos. Atentas a tais noções, aprofundamos, na próxima seção, a visão de linguagem que orienta esta pesquisa.

3 Uma abordagem performativa

O processo discursivo apontado por Mbembe em torno do dispositivo da raça é um exemplo importante para dimensionarmos a centralidade da linguagem e dos processos de significação na produção de nossa vida social. É adensando esse entendimento que uma visada performativa da linguagem nos ajuda a compreender seu caráter constitutivo dos processos sociais.

Diferentes pesquisas têm apontado importantes contribuições da visada performativa nos debates críticos em torno de marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade (MELO; MOITA LOPES, 2013; 2014a; 2014b; BORGES; MELO, 2019; por exemplo). Fundamentalmente, a perspectiva performativa argumenta pelo caráter de ação da linguagem, sua capacidade de fazer, de produzir efeitos nos outros e no mundo a partir dos atos de fala enunciados. Rompendo com uma visão meramente referencial, essa visada aprofunda abordagens reflexivas ao considerar, no mesmo evento analítico, diferentes escalas sociais, políticas, territoriais etc.

Se por um lado é Austin (1962) quem inaugura essa visão performativa de linguagem, e Derrida (1972; 1973) aprofunda densidade a noção de performativo por meio dos conceitos de citação e iterabilidade da linguagem, será Butler (1990; 1993) que argumentará pela noção de que também gênero e corpo são performativos.

Esse entendimento é crucial para o presente debate, pois ao analisarmos performances narrativas de corpos-subjetividades negras, poderemos identificar e refletir sobre os efeitos dos processos históricos e culturais mais amplos, apontados por Mbembe (2014), Quijano (1992), Mignolo (2003; 2017), Teles (2003) em torno do discurso racial e de processos racistas microcapilares.

O caráter citacional e interável do performativo implica um processo de repetição de discursos, textos, narrativas que, ao trazerem em sua história de uso sentidos sedimentados de processos culturais e políticos mais amplos, podem tanto cristalizar quanto alterar significações. No caso do processo racial brasileiro sobre afrodescendentes, indígenas e descendentes indígenas, a cor da pele e as marcações fenotípicas, por exemplo, são signos que apontam para significados de inferioridade e desumanidade a partir do regime da branquitude orquestrado pela modernidade/colonialidade ocidental.

Esse entendimento viajou ao longo da história e se solidificou em significados sociais que são reanimados nas práticas cotidianas atuais de modo naturalizado e invisível, sobretudo, ao olhar de pessoas brancas que possuem o privilégio de cor e modos de vida, mas que também podem subjetivar pessoas não-brancas.

Assim, a performatividade cria significados e contextos sociais ao recuperar e atualizar nas práticas discursivas e sociais significados históricos e culturais em torno da raça. Um exemplo interessante são as telenovelas brasileiras que sob nomes genéricos se pretendem representantes da cultura brasileira que é em sua maioria negra. Telenovelas como “Laços de família” e “A vida da gente” poderiam facilmente ser substituídas por “Laços de famílias brancas” e “A vida da gente branca”. Essa ironia aponta para a persistente naturalização da hegemonia branca em um país majoritariamente composto por afrodescendentes e descendentes indígenas, e que também evidencia como ainda hoje muitas pessoas brancas não se consideram sujeitos da raça, tendo em vista a naturalização e normalização de seus privilégios de cor, fenotípicos e de cultura diante de outras subjetividades não-brancas.

Atentas a esses processos, chamamos atenção para o domínio da agência e da resistência implicadas na visada performativa da linguagem e que nos ajuda a dar complexidade à analítica dos processos de opressão racial sofridos por Lara e diferentes jovens negros/as atualmente. *Grosso modo*, a agência em Butler (2010) é a capacidade de ação dos sujeitos diante do poder que os produz e coage, ou seja, é uma ação de dentro de certo regime de forças, mas que excede esse regime (SENA, 2020b). A possibilidade de ter agência garante a viabilidade da resistência.

Ao refletir sobre a importância da agência para a abordagem afrocêntrica, com que também dialogamos, Asante (2009) destaca a condição de des agência em que os africanos e descendentes africanos se encontraram ao longo da história colonial, em que destituídos de exercer seu protagonismo em seu próprio mundo, ou seja, coisificados, não poderiam ser agentes, pois não havia possibilidade de agência enquanto condição de exercício da liberdade. Somente quando os africanos e descendentes saem da condição de objeto, podem então agir de dentro do poder que os coage e constitui, deixando de ser objetos para serem sujeitos.

Ao construir esta pesquisa e este texto com base na visão de pessoas afroamazônidas, podemos dizer que colocamos em exercício nossa possibilidade de agência e capacidade de resistência diante de discursos e regimes de verdade racistas que ainda assombam a sociedade brasileira e amazônida. Agimos então performativamente confrontando discursos generalistas e produzindo narrativas que possibilitam observarmos e refletirmos sobre nossa sociedade sob diferentes perspectivas.

4 Performance Narrativa

Argumentamos que a performatividade é um construto teórico que ganha materialidade na prática da performance. Posicionar a linguagem como performativa implica dizer que a produção de significados e mundos sociais se dá nos atos de fala enunciados, nesse sentido, concordamos com Sena (2020a) quando afirma que

ciente de que essa distinção performatividade/performance muitas vezes ainda é fonte de confusões, insisto no entendimento de que a performatividade sempre opera sobre as nossas ações enquanto sujeitos, seja quando estamos “forjando” ou “encenando artisticamente” um comportamento social, seja quando estamos agindo enquanto sujeitos de normas sociais específicas que nos governam, “inconscientes” da lei que nos faz sujeitos. Assim, a performance viabiliza e visibiliza a performatividade, na medida em que é a performance que faz operar no/com o corpo-fala, os regimes regulatórios e normas sociais (2020a; p. 132).

Essa visão fundamenta o modo como abordamos os processos narrativos presentes nesta pesquisa, configurando-se, inclusive, como estratégia teórico-epistêmica-metodológica e política, para chegar a domínios da vida íntima difíceis de serem acessados. É assim que para Hydén et al. (2014) um dos grandes ganhos da pesquisa com narrativa é trazer à discussão fenômenos pouco conhecidos, geralmente envolvidos em processos sociais, históricos ou psicossociais. O que é fundamental na reflexão dos autores é a compreensão de que

As narrativas são co-construídas e co-realizadas. [...], a produção narrativa pode ser um pouco experimental e negociada, como os contadores de histórias sentem o seu caminho através do que é possível dizer em uma entrevista ou em outras circunstâncias interacionais (HYDEN, et al. 2014, p. 80).

Esse engajamento dos sujeitos na construção da narrativa vai ao encontro da reflexão de Bamberg e Georgakopoulou (2008), os quais dão ênfase aos modos como as pessoas produzem e se envolvem em narrativas no cotidiano, “situações mundanas, a fim de criar (e perpetuar) um senso de quem são” (p. 379). Destacam, para tanto, um modelo de posicionamento, pautado na microanálise e na macroabordagem, buscando explorar o “eu” ao nível do que está sendo falado, sem perder de vista os discursos além do aqui e agora, que possivelmente tem influência no posicionamento dos sujeitos envolvidos na interação.

É válido, desse modo, destacar a ênfase dada ao aspecto situado da construção da performance narrativa, pois atentar às visões de mundo orientadoras das construções narrativas “mostra consideração para entendimentos locais e situados” e as implicações sociais “das atividades de discurso como parte da análise” (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 381). Esta noção reforça a perspectiva de Hyden (2013; 2014 et al.) sobre o caráter situado da narrativa, assim como põe em evidência uma visão performativa dos sujeitos no mundo social (BUTLER, 1990; MOITA LOPES, 2006; 2009), revelando a crítica sobre uma concepção representacionista presente nas abordagens de grandes histórias, sobre o mundo e as identidades.

Thornborrow e Coates (2005), ao destacarem algumas funções da narrativa como entreter, dar explicações ou justificativas, educar/instruir, estabelecer normas sociais, por exemplo, reforçam que o mais importante dos aspectos envolvidos no narrar é a centralidade da construção de nossas identidades na vida social e na cultura. Para Threadgold (2005), há uma dimensão política que pode ser problematizada na análise de narrativas. As teorias pós-estruturalistas, conforme Threadgold indica, influenciaram uma série de trabalhos que têm servido para reescrever outras histórias e, com isso, outras realidades. Nesse sentido, o autor destaca a perspectiva performativa da linguagem na abordagem de Judith Butler (1990), para evidenciar como a performance do “eu” está envolvida num complexo jogo de repetição e diferença, assim como, de manutenção de hegemonias e subalternidades. A constatação dessas dinâmicas aponta para a possibilidade de re-construção da vida social, frente às normas e realidades impostas.

Com base nessa reflexão, é fundamental levar em consideração que esta pesquisa é realizada por pessoas negras e amazônidas sobre fenômenos raciais afroamazônicos. É assim que seguimos orientadas pelo entendimento de que “o narrador adota uma determinada posição interacional - e ao agir como um certo tipo de pessoa, se torna esse tipo de pessoa” (WORTHAM, 2001, p. 9).

5 O Contexto da Pesquisa e o Instrumental Analítico

Esta pesquisa foi realizada na cidade Soure, Amazônia Marajoara, juntamente a mulheres negras sobre a temática do cabelo afro. Articulada a outros estudos em diferentes territórios da Amazônia Oriental no âmbito dos estudos de gênero, sexualidade e raça (SENA; NUNES, 2015; FONTEL; SENA, 2017; SENA; MENDES, 2020; SENA, 2020b), a pesquisa foi realizada ao longo dos anos de 2014 a 2017 e compôs o trabalho de conclusão de curso em Letras de duas das autoras do presente artigo.

A primeira motivação da pesquisa surgiu pela interpelação sofrida por duas das autoras em uma atividade disciplinar durante o curso “Seminário Interdisciplinar” em que alunos/as de uma escola as questionaram o porquê dos/as negros/as só serem valorizados/as fora de Soure. Essa motivação inicial encaminhou as discentes a procurar um/a professor/a que desenvolvesse pesquisa sobre questões raciais, o que nos trouxe ao presente debate e a elaboração do TCC.

A cidade de Soure possui uma população de 25.565 pessoas (IBGE, 2020) e sedia um dos campi universitários da UFPA. Fundada em 1859, Soure possui uma população predominantemente negra devido à ocupação da região por africanos escravizados trazidos das diferentes Áfricas, a partir de 1755. Concomitante ao processo colonial e escravocrata sucedeu-se a dizimação dos povos originários (indígenas) da região (SALLES, 1988; AZEVEDO; PERES; 2015; PACHECO, 2009; 2016).

Voltadas para o contexto urbano da cidade de Soure, o estudo de caráter etnográfico (CLIFFORD, [1994]2002; PEIRANO, 2008; 2014) utilizou como instrumento de geração de dados a) as anotações registradas no diário de campo, reunidos por meio da observação participante, e b) as entrevistas. Dentre as diferentes narrativas surgidas ao longo do estudo, chamou atenção as narrativas de Lara e o seu processo de produção de agência e resistência diante do contexto racista que incidia sobre sua estética capilar negra.

O uso do nome verdadeiro, das narrativas e de imagens da rede social Facebook de Lara seguiu a autorização da sujeita participante da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O mesmo procedimento foi aplicado junto outras sujeitas, caso de Dona Felicidade, que também figura no presente texto. Após diálogos, anotações de campo e entrevistas realizadas em diferentes momentos ao longo dos anos de 2014 a 2017, encaminhamos a organização e análise dos dados gerados.

Nesta exploração etnográfica, a sujeita é uma mulher jovem negra, 18 anos de idade, nascida em Soure. Convive na realidade de juventude de Soure, tendo também amplo uso da rede social Facebook. No ano de 2014, Lara estava com 16 anos. Ela possuía o cabelo alisado assim como muitas de suas amigas, aspecto que sofreu fortes alterações até o contexto de 2017 em que Lara se posiciona como negra, tendo um de seus símbolos de luta, o cabelo, agora assumidamente crespo. No dia 30 de outubro de 2015, Lara se empodera sobre seu cabelo nas redes sociais. O cabelo passa a ser um aspecto importante de sua trajetória de resistência enquanto mulher negra, fato que também gerou muitos comentários quando Lara apareceu com seus cabelos lisos no desfile escolar de 07 de setembro de 2016. Nesse processo, um evento importante ocorreu no ano de 2016 em Soure, quando, no Círio, houve uma grande mobilização em torno do turbante e cabelos crespos livres. A cultura negra ganhou certa valorização ainda não vista na cidade majoritariamente negra e serviu para despertar a conscientização de um povo ainda refém de entendimentos racistas, principalmente em torno da mulher negra.

Diante desse quadro, optamos nesta pesquisa pelo trabalho com pequenas narrativas (GEORGAKOPOULOU, 2007), tendo em vista que as narrativas que analisamos são fruto de momentos interacionais mais amplos reunidos na atividade etnográfica com base em entrevistas presenciais e na observação de interações online na rede social Facebook. Integradas a essas práticas interacionais mais amplas, essas pequenas narrativas, produzidas em performance, mobilizam importantes pistas indexicais implicadas nas formas de viver e confrontar os racismos no contexto local.

Para analisar os dados gerados na pesquisa, nos utilizamos da abordagem indexical (SILVERSTEIN, 1993; 2003) para dar conta dos processos semióticos de significação envolvidos nas performances narrativas encenadas por Lara. Signo, nesta pesquisa, ao ser entendido como indexical e performativo, não apenas aponta para algo no mundo externo, mas produz esse mundo. Decorrente das teorizações da semiótica de Charles Peirce, o índice é um signo que apresenta uma relação de existência entre signo e significado (PEIRCE, 1977): “Isso implica dizer que ao mesmo tempo em que o signo indexical pressupõe seu contexto, tendo em vista a história de uso desse signo, ele produz seu contexto, pois o novo lugar que assume no tempo e no espaço, atualiza seu potencial de significação” (SENA, 2020b, p. 1718).

Desse modo, utilizaremos os índices linguísticos ou pistas indexicais como instrumentos analíticos ao entendê-los “como marcas linguísticas que sinalizam as ações semióticas dos participantes na interação” (MELO; MOITA LOPES, 2014b, p. 661). Além dos signos, trataremos também enunciados de trechos narrativos como pistas indexicais, pois ambos participam de processos de contextualização das performances narrativas analisadas, assim como, chamam atenção para dimensões políticas, sócio-históricas e culturais mais amplas.

É dessa forma que os modos como os sujeitos indexam sentidos ao avaliarem a si mesmos e aos outros em suas performances narrativas nos permite interpretar valores sociais e ideologias que fundamentam suas ações no mundo social. Ao recuperar em suas reflexões metapragmáticas diferentes repertórios socioculturais, os sujeitos passam a se posicionar com

base em/e sobre estes repertórios, gerando complexos processos de significação, que estão na base de suas identidades e pertencimentos raciais. Por fim, uma vantagem peculiar dessa abordagem é a rica articulação entre o construto da indexicalidade com o da interseccionalidade.

6 Performances narrativas de raça, gênero e classe social na Amazônia Marajoara

Com base na visada performativa e indexical da linguagem e no debate sobre raça, encaminharemos a análise das entrevistas realizadas com Lara para produzirmos entendimentos e reflexões sobre sua experiência social/racial em torno do ‘cabelo crespo’. Com atenção aos efeitos discursivos emergentes no contexto sociohistórico contemporâneo sobre a raça negra na Amazônia Marajoara, mobilizaremos, também, a entrevista com outra sujeita negra, participante da pesquisa. A análise⁷ dá atenção a algumas narrativas que consideramos fundamentais ao longo da pesquisa etnográfica, mas eventualmente, recorreremos ao caderno de campo para contextualizar os dados gerados em entrevistas.

Após relembrar alguns momentos do processo etnográfico e de acontecimentos na cidade em torno das questões raciais, uma das pesquisadoras pergunta:

Lara, o que significa ser mulher negra em 2017?

- 1 As mulheres negras antigamente não tinham oportunidades de ter sua própria casa
- 2 por motivo de morar com seus patrões que eram brancos,
- 3 e serviam só para serem escravas.
- 4 Agora, podemos ver mulheres negras tendo oportunidade no mercado de trabalho e na sociedade,
- 5 estão ganhando cada vez mais seu espaço, podemos ver negras como juízas, advogada, professora, médica etc.
- 6 que antigamente tu não via essas mulheres com esses cargos, só serviam para cuidar do lar.
- 7 Hoje em dia né, agora em 2017, em 2016 tu não vê mais diferença,
- 8 hoje parece que os negros estão entrando mais na sociedade do que os outros né,
- 9 eles estão fazendo mais a diferença e eles estão no ponto comercial, tu só vê eles,
- 10 antigamente não, antigamente eles eram rejeitados. Até hoje,
- 11 se bem que até hoje tem preconceito, mas antigamente era pior,
- 12 agora não, agora tu vê o quanto eles estão progredindo na nossa sociedade,
- 13 o quanto eles estão crescendo né (...)
- 14 E antes não, por que falavam que aqui era os brancos, começou com os brancos né e
- 15 depois vieram trazer os negros pra cá

⁷ Embora reconheçamos a relevância indexical de tópicos da oralidade (entonação, alongamento etc.), optamos por não fazer tal transcrição por considerar que essa ausência não compromete o enfoque analítico adotado.

Em resposta à pergunta de uma das pesquisadoras, a performance narrativa de Lara posiciona o lugar da mulher negra, e de negros/as em geral, a partir da relação temporal indexada pelas pistas linguísticas “antigamente”, “antes”, “agora”, “hoje em dia”. Essa relação temporal evidencia diferentes momentos da experiência racial vivida por pessoas negras no Brasil e particularmente em Soure. A performance de Lara orientada pela pergunta sobre “ser mulher negra” também mobiliza índices valorativos interseccionais aos entendimentos da categoria racial, como classe social e gênero.

Conforme indexam os enunciados “não tinham oportunidade”, “serviam só pra serem escravas”, “só serviam pra cuidar do lar”, em oposição aos enunciados “podemos ver mulheres negras tendo oportunidade”, “estão ganhando cada vez mais seu espaço” e aos índices “juízas”, “advogada”, “professora”, “médica”, uma transformação importante tem ocorrido sobretudo na visão de mundo de jovens negras como Lara, que já conseguem vislumbrar novos futuros ao produzir reflexões sobre sua realidade e, com isso, articular agência, algo difícil de ser imaginado até poucas décadas atrás. Apesar desse avanço, estudos de raça em outros contextos do Brasil, constatam que negros e negras têm ocupado predominantemente as profissões menos prestigiadas e com menores salários (MELO; MOITA LOPES, 2014a). Essa constatação tem agravo sobre as mulheres negras quando identificamos a naturalização da presença de seus corpos na casa e na atividade doméstica, tendo em vista seu recente passado escravagista.

Longe de ser banal, essa construção narrativa de Lara mobiliza tanto o contexto histórico da colonização do Marajó, em particular do Marajó de Campos (PACHECO, 2009), quanto seu posicionamento enquanto uma jovem mulher negra que, como veremos, passará por um tenso processo de aceitação do próprio cabelo crespo, aceitação viabilizada pelas transformações que a sociedade tem sofrido ao confrontar cada vez mais a estrutura racista vigente.

Após dizimarem os povos indígenas da Amazônia Marajoara, os europeus ocuparam a região com as igrejas e missões religiosas cristãs. Os negros africanos foram trazidos como escravos para a Amazônia entre os anos de 1755 e 1820. Entraram pelo antigo território de Grão Pará e Maranhão, se tornando predominantes, atualmente, nas Amazônias Marajoara, Atlântica, Araguaia-Tocantina e no Maranhão (SALLES, 1988; AZEVEDO; PERES; 2015; PACHECO, 2009; 2016; SENA, 2021). De todo modo, o domínio político da região tem se mantido nas mãos dos descendentes europeus que ocuparam a região. Argumentamos que esse processo colonial e racista/escravagista que constrói o Brasil, e especificamente o Marajó, é indexado nas predicções presentes na performance narrativa de Lara, como “eram rejeitados”, “até hoje tem preconceito”, “antigamente era pior”, “serviam só pra serem escravas” e que se aprofundam à medida que acompanhamos as experiências de gênero e raça vividas por Lara.

Ao encontro da narrativa de Lara, destacamos as performances narrativas de Dona Felicidade, uma das entrevistadas que nos contou como sobreviveu a sua realidade de mulher negra no século passado em Soure. Conforme narrou, seu nome foi dado por um Padre que o pai elegeu como padrinho, e relembra a narrativa repassada a ela: “Quando eu nasci, passado uns dias, meu pai me deu para o Padre Sebastião ser meu padrinho, minha mãe perguntou que ‘nome o senhor vai dá a menina’. Ele nem pensou muito e disse ‘Felicidade’, minha mãe disse ‘bonito! Mas por que padre?’ Porque mulher, preta e pobre, com certeza a única felicidade que vai ter é o nome”.

Com 99 anos de idade, um dos grandes ensinamentos de Dona Felicidade é “não depender dos outros”, “ter seu próprio trabalho”. Narrou que na cidade, em sua época de juventude, mulher era criada para ter muitos filhos, cuidar de casa e da casa dos outros, “ainda

mais mulher preta”, reforçando os entendimentos de Lara de como eram tratadas as mulheres negras “antigamente” (linha 11) na região. Viúva desde os 35 anos, contou que teve que ir à batalha para sustentar seus filhos, pescava e ‘lavava roupas pra fora’, mas nunca tinha perdido a dignidade, não precisava roubar ou ser sustentada por homem.

Além da aula de feminismo e resistência dada por Dona Felicidade, o discurso do padre reanimado em sua narrativa, e que ratifica os racismos orquestrados pela colonialidade/branquidade contra mulheres negras, indexa entendimentos que interseccionam raça, classe e gênero marcados por discursos inferiorizantes que foram saturados e naturalizados ao longo da história do Marajó. Argumentamos que essas narrativas viajaram ao longo do século encontrando ressonância desde Dona Felicidade até a experiência social de Lara e de uma das autoras da presente pesquisa.

Conforme apresentado, Soure é um município com uma população aproximada de 25.565 pessoas, sendo uma sociedade predominantemente negra. Esse é um dado relevante para esta pesquisa na medida em que traz à tona a importância de buscarmos compreender como jovens, caso de Lara, têm produzido entendimentos sobre suas vidas sociais a partir de seu contexto interiorano, racial, longe dos grandes centros urbanos. Interessa saber como discursos mais amplos e sedimentados do dispositivo da raça (MBEMBE, 2014) emergem em diferentes contextos e práticas sociais, e no caso de Soure, mesmo sendo uma sociedade predominantemente negra, como discursos e entendimentos racistas penetram tal sociedade. Essa reflexão corrobora a reflexão de Melo e Moita Lopes (2013, p. 241):

ao pensarmos em raça em contexto brasileiro, os atos de fala de democracia e igualdade racial são performativos, porque foram repetidos e repetidos em contextos diversos, naturalizando e sedimentando o conceito de raça como o conhecemos no Brasil. A repetição de tais atos de fala levaria à compreensão de que há igualdade racial no Brasil, de que os negros não seriam inferiores aos não-negros e de que as oportunidades seriam idênticas para esses grupos. Os efeitos discursivos dessas tentativas de escamotear a hegemonia branca racial e de controlar os negros e as negras geraram sofrimentos e dores que se propagaram ao longo dos anos.

Esta assertiva é extremamente relevante, pois, como veremos, também na estética corporal de negras/os, como o cabelo, o racismo pode se revelar, escamoteado às vezes nos modos como nós, negras/os, também nos nomeamos. Com essa compreensão em vista, seguimos aprofundando a análise sobre as performances narrativas de Lara.

“A aceitação é porque tu para de ter vergonha de ti e aceita o cabelo que tu tem”

Após mais de um ano reforçando na rede social Facebook seu posicionamento sobre a importância de se aceitar, do orgulho de ser cacheada, Lara posta uma foto com o cabelo alisado. A postagem gerou polêmica, o que uma das pesquisadoras, em outro momento de entrevista, relembra:

Você lembra daquela postagem que você fez sobre quando você alisou o cabelo?

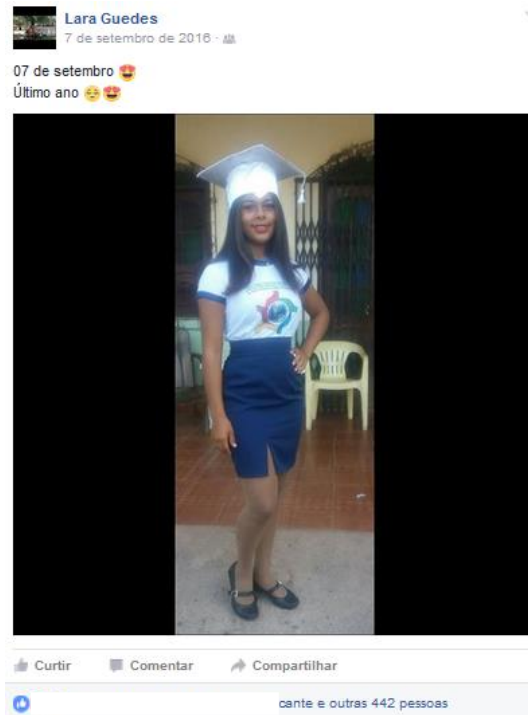
16 Quando eu fiz chapinha, ah foi! o pessoal ficaram tudo bravo
17 porque todo mundo pensou que eu tinha alisado, mas eu me arrependi muito
18 que depois (...) não ficou do mesmo jeito que ele era antes,
19 começou muita gente falar [que] não era pra eu ter feito isso
20 e muita gente também gostou do jeito de eu ter feito chapinha,
21 mas foi ali só, em um dia, né, eu também não ia fazer isso
22 porque eu não gosto mais de cabelo assim. Eu já tive e já sofri muito preconceito
23 porque meu cabelo quebrava muito, então uma vez eu fui pra escola
24 aí eu amarrava ele tudo pra trás e ficou tipo um calombinho aqui de cabelo.
25 Aí eu cheguei lá e as meninas começou a me chamar de topete de galo
26 porque eu tava com aquele calombinho na cabeça,
27 aí eu cheguei chorando na casa da vovó. A vovó queria ir lá, só que depois
28 o papai conversou com ela, falou que não era pra mim ligar pra isso
29 e desde daí eu parei de ta ligando que os outros falam do meu cabelo,
30 aí eu fui fiz um retoque só que não prestou aí que começou de novo a quebrar.
31 Aí eu deixei a cachear (...)
32 só fiz chapinha porque foi pra 7 de Setembro
33 porque não tinha como eu colocar o chapéu, aí eu fiz...

Conforme argumentamos na primeira seção deste texto, a linguagem é performativa porque não apenas produz significados na e sobre a vida social, mas porque produz a vida social, a constrói, dado os efeitos contextuais e perlocucionários dos atos de fala sobre nossa subjetividade e nossos corpos (BUTLER, 1990; 1997). No excerto acima, Lara sofre algumas interpelações por diferentes discursos que condicionam seu direito de escolha sobre usar seu cabelo e que apontam para entendimentos valorativos de sua comunidade sobre seu corpo.

Argumentamos que o policiamento social sobre o corpo de Lara inicia pela instituição, no caso a escola, entendimento que emerge dos enunciados nas linhas 32 e 33 “só fiz chapinha por que foi pra 7 de Setembro” e “porque não tinha como eu colocar o chapéu”. A inconformidade do corpo negro de Lara para o desfile militar⁸ emerge do discurso orientador sobre o modelo de comportamento e de corpos que servem para esse tipo de evento, excluindo ou deformando os que não se enquadram. Podemos afirmar que essas regras camuflam discursos no mínimo discriminatórios quando refletimos sobre quais corpos estão “naturalmente” adequados ao padrão exigido.

As interpelações e policiamento sobre o corpo de Lara continuam quando ela então posta sua foto de cabelo alisado em uma rede social (imagem a seguir). Apesar de receber alguns elogios, são os discursos contrários ao alisamento que chamam atenção. Em uma das postagens, uma mulher comenta: “Ta doida! vou ti joga um balde d’água nesse cabelo”.

⁸ O policiamento de instituições militares sobre o cabelo e outros modos de vida dos jovens tem sido questionado legalmente, conforme apresenta a reportagem de 2019, da revista Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/escola-militar-nao-pode-mais-interferir-no-corte-de-cabelo-dos-alunos/>



Esses discursos sobre uma jovem negra não são banais, tanto pela fase da vida de autoafirmação e construção da autoestima quanto pelo contexto racista brasileiro, algo que Lara vinha confrontando desde 2015. A importância dessa reflexão reside sobre os efeitos performativos sobre Lara que sentiu o desconforto da reprovação em decorrência da chapinha, conforme apontam os enunciados “o pessoal ficaram tudo bravo”, “começou muita gente falar [que] não era pra eu ter feito isso”, “já sofri muito preconceito”.

A performance narrativa de Lara destaca, ainda, um dos bullyings sofridos na escola e que causou sofrimento em certa etapa da sua vida. “Topete de galo” foi o apelido que Lara ganhou das colegas devido ao coque feito no cabelo que vivia constantemente quebrado devido aos alisamentos. O enunciado “eu voltei chorando pra casa” também indexa os efeitos performativos do racismo sobre o corpo-subjetividade de Lara. Nesse contexto, destacamos que essas narrativas recuperam racismos sofridos pelas autoras deste texto. Se “Meduza” foi o apelido racista que marcou a infância negra de Valéria, no Marajó, para José, foi em tom de xingamento que “vagina hair” interpelou seu corpo durante o ensino médio, em Belém, o levando a um longo processo de alisamento e recusa de sua identidade negra. O mesmo ocorreu com Dayana, que após longo período alisando os cabelos para tentar se enquadrar no padrão de beleza eurocêntrico da branquidade, apenas na Universidade conseguiu entrar no processo de aceitação e valorização de sua cor preta e de seu cabelo crespo.

Apesar desses processos de sofrimento, Lara segue a construção de seu empoderamento com o apoio que teve da família (linhas 27 e 28), algo nem sempre presente na vida de muitas mulheres jovens ou adolescentes negras. As performances narrativas de Lara ao longo da pesquisa etnográfica, somadas as suas postagens na rede social Facebook, também evidenciam o processo instável porque passa ao se posicionar sobre sua negritude. Embora em vários momentos no decorrer dos anos ela tenha postado imagens de pessoas negras, enfatizando a beleza de mulheres e homens negros, Lara passou por um processo que oscilava entre um discurso que essencializa as negras a terem apenas cabelo cacheado/crespo, e o empoderamento

da mulher negra ser do jeito que ela quer. Observe as datas das postagens e de como seu discurso vai se alternando com o passar do tempo, até que o discurso da liberdade de “ser o que quiser ser” se torna recorrente.



05.06.2016



16.06.2016



21.11.2016



02.12.2016

Na postagem do dia 02 de dezembro de 2016, após toda a polêmica em torno do seu cabelo alisado no 7 de setembro, a provocação de Lara com o enunciado “e aí?” sobre as fotos, indexa seu empoderamento ao se posicionar sobre seu poder em usar o cabelo como quiser, se alinhando, inclusive com as postagens dos dias 05 de junho e 21 de dezembro de 2016.

Na continuação da interação com as pesquisadoras, Lara narra:

34 eu aceito do jeito que ele é, mesmo falando que ele tá feio,
35 mesmo falando as coisas, mas eu aceito e prefiro ele assim
36 do que tá liso, do que as pessoas estarem falando tá feio tem que fazer tua raiz,
37 eu falei não, eu prefiro ele assim, eu aceito do jeito que ele é (...)
38 porque o cabelo era meu
39 e eu que tenho que fazer que fazer as regras do meu cabelo
40 e não os outros tarem dando a regra pra ele.

Nesse excerto, novamente o policiamento social sobre o cabelo de Lara fica evidente e a interpela a um posicionamento, que conforme apontam os enunciados “aceito do jeito que ele é”, “prefiro ele assim”, “o cabelo era meu” produzem entendimentos sobre sua capacidade de agência e prática de resistência diante de discursos depreciativos e racistas. Essa passagem é relevante na medida em que ratifica o processo porque passou Lara na construção de sua identidade racial e do uso do cabelo como ela acha que deve usar. Reforçamos aqui a importância da estrutura familiar e social que Lara detém, o que provavelmente foi determinante para o seu empoderamento.

Conforme veremos a seguir, as transformações vividas por Lara em torno do seu corpo, do seu cabelo, do modo como lida com os racismos, e como se constitui uma mulher negra empoderada, gera efeitos no seu contexto social, juntamente a outras meninas negras que passaram por processos racistas semelhantes ao de Lara. Em outro momento de entrevista, uma das pesquisadoras relembra a influência das posturas de Lara sobre outras meninas da escola, a usarem o cabelo sem chapinha. E pede para Lara falar sobre isto.

41 Foi na escola, principalmente, na escola eu comecei a usar meu cabelo assim
42 quando eu vi, aí na escola quase todo mundo agora tá (...)
43 que agora todo mundo tá e têm meninas que viviam com cabelo amarrado
44 quando me espantei já estavam com cabelo solto (...)
45 as meninas até falaram ‘Ah Lara parece que tu foi a moda ali na escola’,
46 eu falei não, eu acho que isso porque as meninas começaram a se aceitar né.
47 Porque muitas ali tinham vergonha
48 quando passaram a ver varias usando aí já começaram a se aceitar,
49 porque sabem [que] dali tem varias pessoas que estão junto com elas e não a favor.
50 Então, eu prestei muita atenção na escola isso,
51 que as meninas começaram aceitar o cabelo, (...)
52 mas eu vi ali as meninas mudaram muito depois que eu comecei a usar,
53 quando eu vi todo mundo começou a usar também.

Gomes (2002) é contundente ao problematizar a história do corpo negro, sobretudo de meninas negras no processo de aprender a cuidar e a lidar com o cabelo crespo, evidenciando que há um modo peculiar do cuidado com o cabelo que marca a identidade negra ao longo dos séculos. Este entendimento é recuperado na narrativa de Lara, trazendo a importância deste

aspecto corpóreo-identitário sobre as meninas negras de Soure.

Ainda que de modo não premeditado, o posicionamento de Lara ao começar a usar o cabelo crespo solto no ambiente escolar teve um efeito sobre seu meio social. Se em outro momento ela narrou os preconceitos sofridos, neste, ela evidencia o impacto desta atitude sobre as outras meninas e sobre ela mesma, reforçando a importância desse evento, que, provavelmente, se localiza no contexto de um movimento crescente de afirmação da identidade negra desde final do século XX (MELO; MOITA LOPES, 2013; 2014a).

Além disso, conforme discute Gomes (2002), o espaço escolar é um importante ambiente de construção da diversidade e muitas vezes acabam sendo fonte de opressão. Conforme a performance narrativa de Lara, embora no começo ela não aceite que influenciou o comportamento das outras meninas, ela admite que “as meninas mudaram muito depois que eu comecei a usar” (linha 52), aspecto que evidencia o quanto essa prática social foi determinante na construção da identidade negra de Lara, assim como, de outras meninas do seu contexto.

O índice linguístico “vergonha” (linha 47) indexa discursos de preconceito/racismo internalizado pelas meninas e que podemos interpretar nas suas atitudes em não aceitarem seus próprios cabelos crespos, o que, provavelmente foi negativamente reforçado em outras práticas sociais das quais participam. Nesse sentido, a escola aparece como um importante agente de transformação ou opressão social sobre essas questões raciais, o que Gomes reflete e problematiza:

A experiência da relação identidade/alteridade coloca-se com maior intensidade nesse contato família/escola. Para muitos negros, essa é uma das primeiras situações de contato interétnico. É de onde emergem as diferenças e se torna possível pensar um “nós” – criança e família negra – em oposição aos “outros” – colegas e professores/as brancos. (...) Pertencer ou não a um segmento étnico/racial faz muita diferença nas relações estabelecidas entre os sujeitos da escola, nos momentos de avaliação, nas expectativas construídas em torno do desempenho escolar e na maneira como as diferenças são tratadas. Embora atualmente os currículos oficiais aos poucos incorporem leituras críticas sobre a situação do negro, e alguns docentes se empenhem no trabalho com a questão racial no ambiente escolar, o cabelo e os demais sinais diacríticos ainda são usados como critério para discriminar negros, brancos e mestiços. A questão da expressão estética negra ainda não é considerada um tema a ser discutido pela pedagogia brasileira (2009, p. 45).

Acrescentamos à reflexão de Gomes acima que apesar do contexto social em estudo ser predominantemente negro, os efeitos discursivos de uma conjuntura histórica e sociocultural estruturalmente racista se fazem sentir nas experiências microsituadas, como as vividas por Lara e outras estudantes em pleno século XXI. Desse modo, a performance narrativa de Lara parece mobilizar uma série de questões que são muito importantes para repensarmos como temos construído nossos mundos sociais na relação entre diferentes etnias, sobretudo no contexto escolar, assim como, no trabalho de valorização e autoestima de pessoas negras. Na sequência da entrevista, questionamos:

Esse aceitar pra ti, o que é esse aceitar o cabelo?

54 É por que muita gente tem vergonha do seu cabelo ser crespo, ser cacheado
55 então eles procuram uma maneira de esconder aquele cabelo né, ou fazer chapinha
58 ou amarrando. Em um dia desse eu fui mostrar umas fotos pra minha amiga
59 que ela tava com cabelo liso, e ela acordava 05 horas da manhã
60 pra todo dia fazer uma chapinha no cabelo, e eu fui mostrar pra ela umas fotos
61 pra ela, da menina que usava trança, né, começou a usar trancinha no cabelo (...)
62 depois de uma semana ela chegou na sala com a trança
63 e ela falou pra mim que ela tinha cortado o cabelo.
64 Aí quando foi agora dia 30, é dia 31, ela tirou a trança
65 e o cabelo dela tá todo cacheadinho agora,
66 e aí a *aceitação é porque tu para de ter vergonha de ti e aceita o cabelo que tu tem,*
67 a *raiz* que tu tem né.

Novamente o índice linguístico “vergonha”, associado agora aos índices “esconder”, “fazer chapinha”, “amarrando” (linhas 54, 55 e 56), comparece indexando a dificuldade de muitas meninas lidarem com sua identidade negra, marcada no cabelo. Nesse sentido, a performance narrativa de Lara apresenta alto grau de reflexividade e empoderamento firmado no enunciado “a aceitação é porque tu para de ter vergonha de ti e aceita o cabelo que tu tem” (linha 66), deixando evidente sua visão de mundo sobre a importância de assumir sua identidade negra. A pista linguística “raiz”, na sequência, cria um paralelismo entre raiz do cabelo e raiz racial enfatizando a importância desse processo de aceitação do cabelo para a construção do pertencimento racial negro. Conforme vemos ao longo da análise, essa capacidade reflexiva de Lara sobre seu cabelo e raça decorre de um tenso processo que acompanha sua adolescência e vida escolar.

“Aquela preta que você respeita”

Nessa última passagem em análise, Lara critica reflexivamente a postura de muitas mulheres que têm o hábito de julgar as outras pela aparência. Recuperando do caderno de campo algumas anotações de suas interações na rede social Facebook, Lara reforça um discurso pela liberdade de ser o que se quer ser e avalia a necessidade de se ter respeito dentro do grupo de mulheres. Essas reflexões de Lara evidenciam os ganhos do processo de empoderamento para além da questão racial, mas também no âmbito de uma visão feminista de gênero. Motivadas pelas reflexões de Lara, encaminhamos a seguinte pergunta:

Como tu te ver como mulher adolescente e tu agora entrando na fase adulta, como é tua visão de mulher?

67 Olha, daqui de um tempo pra cá eu comecei a mudar porque as vezes
68 o meu pensamento era muito de criança, aí do nada eu comecei a ter pensamento
69 a pensar alto, ver o que eu tinha que fazer agora, porque como eu estou terminando

70 tenho que procurar estudar, eu tenho que procurar um emprego,
 71 por que eu sei que não vou ficar dependendo dos meus pais o tempo todo.
 72 Antes, não, ah, tenho minha avó, tem meus pais, eles me bancam. Agora não,
 73 agora eu penso entrar em uma faculdade e ir trabalhar, mas até hoje eu ainda falo que
 74 enquanto eu depender deles, eu ainda vou ter que respeitar, que dizer,
 75 respeitar a gente sempre tem que respeitar, mas ainda vou ta ali eles me mandando,
 76 mesmo eu tendo a maior idade, mas eles estão ali porque eles ainda estão me bancando.
 77 Mas eu penso em fazer uma faculdade sair de casa para ter o meu próprio emprego,
 78 a minha própria casa e daqui pra cá mudou muito o meu pensamento,
 79 não sou mais aquela menina que todo tempo pensava. Aquele pensamento de criança
 80 que não ligava pra sociedade, assim todo tempo tava ali
 81 e nem ligava o que os outros falava, agora não, sei o que é certo e o errado,
 82 eu sei pra mim o que é o certo e o errado...

A importância dessa passagem está no modo como Lara constrói a ideia de uma vida livre e independente. Ela reconhece sua imaturidade de até pouco tempo, mas afirma que tem mudado seu modo de ver seu futuro. Até pouco tempo atrás, homens e mulheres negras não tinham a oportunidade de entrar nas universidades devido o fator racial estar fortemente associado ao fator financeiro, o que tirava a possibilidade de vislumbrar um futuro mais promissor social e economicamente.

O discurso de Lara recupera a força das questões de classe social, ancoradas no poder aquisitivo, sobre a possibilidade de independência, animando nossa reflexão sobre a forte intersecção entre raça e classe. Este aspecto também é relevante, pois Lara, diferente de um discurso naturalizado sobre o destino de muitas mulheres, que seria o casamento, projeta sua vida profissional e independência financeira, inclusive em relação a sua família. Este aspecto mais uma vez localiza Lara social e culturalmente, tendo em vista que ainda hoje a realidade de muitas mulheres é condicionada ao casamento. O posicionamento de Lara na postagem abaixo, de 19 de janeiro de 2017, reforça seu discurso.



Lara nos contou que pretende ser fisioterapeuta, uma perspectiva que muitas mulheres negras, ainda nos dias de hoje, em outras condições socioculturais nem podem almejar. Nesse contexto, trazemos a reflexão de Oliveira et al (2009, p. 271):

Para homens e mulheres negras, romper com o assujeitamento implica a ativação de poderes, incluindo o reconhecimento do pertencimento racial, a valorização da identidade e o exercício da cidadania. Isso significa sair do papel de passividade, de objeto do outro, e protagonização de suas próprias vidas.

Com base no percurso empreendido, ressaltamos que as performances narrativas de Lara, de modo local e situado, nos ajudam a mobilizar uma série de reflexões sobre raça e gênero na vida contemporânea, em âmbito mais geral. Só o fato de trazermos à pauta esse debate sobre mulheres negras, feito por pessoas negras, já consideramos estar movimentando a produção de conhecimento sobre linguagem e sociedade, ainda fortemente realizada por perspectivas branco-ocidentais. Além disso, é necessário naturalizarmos esse debate dentro da nossa sociedade, onde as mulheres em geral e as mulheres negras em particular ainda são muito desvalorizadas.

Do diário de campo, recuperamos a fala de um ex-prefeito de Soure o qual “reconheceu que ele como ex-prefeito, houve apenas uma mulher em seus governos, que em três gestões, ele não deu a devida importância às mulheres, não houve política pública voltada à valorização da mulher”. Esse reconhecimento é importante para que o papel da mulher negra nessa sociedade seja revisto. Encerramos nosso debate com a imagem abaixo e a performance de empoderamento de Lara.



7 Algumas considerações finais

Atentas à importância da crítica decolonial antirracista ser feita de modo situado sem perder de vista esferas macrossociais implicadas na construção do racismo estrutural brasileiro e

amazônida, acreditamos que o presente estudo soma-se às contribuições de outras pesquisas em torno do debate racial no país.

No caso, as performances narrativas analisadas chamam atenção, primeiramente, para o protagonismo da linguagem na produção de crenças e valores em processos sociais tensos como o do debate racial. Ao posicionar sujeitos e práticas, o linguístico mobiliza, então, reflexões sobre a) a intersecção entre gênero, classe social e raça, com atenção especial às meninas/mulheres, b) sobre o lugar da escola/Estado nesse processo de construção da identidade racial, c) sobre o papel da família e d) sobre a importância do caráter coletivo demandado pelo enfrentamento ao racismo. Enfatizamos, neste último aspecto, a capacidade de agência de Lara, em um contexto tratado como periférico, no qual ela consegue confrontar uma estrutura racista historicamente firmada e sedimentada em práticas cotidianas.

O processo de pesquisa negra, ainda, a importância de assumirmos o protagonismo como pesquisadoras de nossa realidade social, posicionamento ancorado em uma visão de ciência que cada vez mais confronta a suposta neutralidade científica propalada por discursos modernistas, passando, assim, a assumir um lugar político, “radicalmente in-mundo” (SENA, 2020b) e que posiciona e justifica seu projeto de sociedade. No caso deste debate, de uma luta antirracista e afrocentrada.

Destacamos, também, a importância do entendimento indexical desses processos quando aprofundamos análises críticas com base em signos sociais que se por um lado estão diluídos nas práticas cotidianas, por outro são de grande relevância para o exame, problematização e denúncia de processos racistas e discriminatórios tomados como naturais, como os, de fato, analisados ao longo do texto.

Por fim, ao mobilizar um olhar interseccional aliado à perspectiva performativa, agimos com a linguagem e na linguagem, somando uma agenda política que confronta discursos hegemônicos e grandes narrativas que ainda permanecem orientadoras de muitas problemáticas sociais na vida social contemporânea. Acreditamos que falar desde a Amazônia Marajoara e poder ser agentes ao pautar nossa realidade de vida damos complexidade ao debate racial afrocentrado em diferentes brasis.

Referências

- ASANTE, M. Afrocentricidade: Notas Sobre uma Posição Disciplinar. In: NASCIMENTO, E. (org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, [1962]1990.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*, Vol. 28, No. 3, pp.377-396, 2008.
- BANTON, M. *A Ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BORGES, R.; MELO, G. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, pp. 1-13, 2019.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Lei 10.639/03*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D. O. U. 10 de janeiro de 2003.
- BRASIL. *Lei nº 11.645*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei

nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2008.

BUTLER, J. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge: New York, 1990.

BUTLER, J. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of ‘Sex’*. New York and London: Routledge, 1993.

BUTLER, J. *Excitable Speech. A politics of performative*. Routledge. New York & London, 1997.

BUTLER, J. *Mecanismos psíquicos del poder: Teorías sobre la sujeción*. 2 ed. Madrid, Ediciones Cátedra, 2010.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX/ James Clifford*; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, [1994] 2002.

DAVIS, A. *Mujeres, raza y clase*. Madrid: Akal. [1981]2005.

DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Campinas – SP: Papirus, [1972]1991.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, Ed. da USP, 1973.

FONTEL, L. SENA, J. Performances Discursivas de uma Mulher Militante: a Marcha Mundial das Mulheres na Amazônia Oriental. *Revista A Palavrada*, v. 02, pp. 387-403, 2017.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Edições Loyola, [1971]2003.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, [1976]1999.

GEORGAKOPOULOU, A. From narrative/text to small stories/practice; Beyond the narrative Canon: small stories in action. In: “Small stories, interaction and identities”. *Studies in narrative*, vol. 8. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007, pp.1-60.

GOMES, N. L. Trajetórias Escolares, corpo negro, cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*. Nº 21, Set/Out/Nov/Dez, 2002, pp.41-51.

GOMES, N. L. Cabelo e cor da pele: uma dupla inseparável. In: BARBOSA, L. M.; GONÇALVES E SILVA, P.; SILVÉRIO, V. (orgs.). *De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico/raciais no Brasil*. São Carlos: Editora UFSCAR, 2003.

GOMES, N. L. *Movimento Negro Educador*.

HOOKS, B. *Ain't I a woman? Black woman and feminism*. Cambridge, MA: South End, 1981.

HYDÉN, M. HARRISON, B. ANDREWS, M. ESIN, C. DAVIS, M. SQUIRE, C. The uses of narrative research. In: HYDÉN, L-C. et al. *What is narrative research?* Londres: Bloomsbury Academic, 2014.

HYDÉN, L. Towards an embodied theory of narrative and storytelling. In: HYDÉN, L.; HYVÄRINEN, H. (org.). *The travelling concepts of narrative*. Amsterdam: Jhon Benjamins, 2013.

LORDE, A. Age, race, class and sex: women redefining difference. In: *Sister outsider: Essays and speeches*. Freedom, CA. Press, 1984.

- MBEMBE, A. *Crítica da Razão Negra*. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.
- MELO, G. MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa de uma blogueira: “tornando-se preta em um segundo nascimento”. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 58, pp. 541-569, 2014a.
- MELO, G. MOITA LOPES, L. P. Ordens de Indexicalidades Mobilizadas nas Performances Discursivas de um Garoto de Programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 14, pp. 653-673, 2014b.
- MELO, G. MOITA LOPES, L. P. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), v. 29, pp. 237-265, 2013.
- MIGNOLO, W. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, W. Colonialidade: lado mais escuro da modernidade. *RBCS*, Vol. 32 n° 94 junho/2017, pp.1-18.
- MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial: São Paulo, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da ANPOLL*, v.27, pp.129-157, 2009.
- OLIVERIA, M. MENEGHEL, S. BERNARDES, J. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. *Psicologia & Sociedade*; 21 (2), pp. 266-274, 2009.
- PACHECO, A. *En el Corazón de la Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras*. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em História, São Paulo, 2009.
- PACHECO, A. Diásporas africanas e contatos afroindígenas na Amazônia Marajoara. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 17, n. 26, 1º sem. 2016.
- PEIRCE, C. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, pp. 377-391, jul./dez. 2014.
- PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto.Urbe* (USP), v. vol. 2, vers. 2.0, 2008.
- PEREZ, E.; AZEVEDO, A. A presença negra na amazônia: um olhar sobre a vila de mangueiras em salvaterra (PA). *Revista Marupáira*, Belém/Pará, pp. 08-15, 09 jan. 2015.
- QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, H. (comp.). *Los conquistados*. Tradução de Wanderson flor do nascimento. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992.
- SALLES, V. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971.
- SENA, J. Caboka Bixa: performances e políticas de territorializar o cu/queer. In: SOUZA, D.; SANTOS, D.; ZACARIAS, V. *Bixas pretas: dissidências, memórias e afetividades*. No Prelo, 2021.

SENA, J. O protagonismo da linguagem na produção de corpos, discursos e práticas de resistência. *Percursos Linguísticos*. v. 10 n. 25, pp.123-143, 2020a.

SENA, J. Corpos Dissidentes, Saúde Sexual e Microbiopolíticas de Resistência na Amazônia Atlântica. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Unicamp. 2020b, pp. 1710-1734.

SENA, J.; MENDES, C. Dona Rouxita: concepções e práticas de uma pajé afropindorâmica, n. 36. V.1 *Revista África e Africanidade*, 2020, pp. 15-20.

SENA, J.; NUNES, H. Amazônia Marajoara em Escritas Criativas: problematizando narrativas de gênero e sexualidades. *Revista A Palavrada*, v. Esp., pp. 24-42, 2015.

SILVA, V. SOUSA, D. “Para de ter vergonha de ti e aceita o cabelo que tu tem”: narrative performances of gender and race in the Amazon Marajoara region. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Língua Inglesa). Soure/Marajó, UFPA, 2017.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, J. (ed.). *Reflexive language, reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, 23, pp.193-229, 2003.

TELLES, E. *Racismo à Brasileira: Uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

THORNBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative: Identity, performance, culture. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (eds.). *The sociolinguistics of narrative*. Philadelphia, Pennsylvania: John Benjamins, 2005, pp. 1-16.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (eds.). *The sociolinguistics of narrative*. Philadelphia, Pennsylvania: John Benjamins, 2005, pp. 261-278.

WORTHAM, S. *Narrative in action: a strategy for research and analysis*. New York: Teachers' College Press, 2001.

Recebido em: 05/03/2021

Aceito em: 01/05/2021